



Ao saber que não conseguiu o segundo mandato, Bolsonaro se isola no Alvorada, não recebe ministros e apoiadores e tampouco cumprimenta o vencedor da corrida eleitoral. Expectativa é de que se pronuncie hoje

Silêncio como marca da derrota

» INGRID SOARES

O presidente Jair Bolsonaro (PL) se recolheu em silêncio, sem comentar o resultado da disputa com seu sucessor, Luiz Inácio Lula da Silva (PT). De acordo com assessores próximos, “foi dormir” e não recebeu nenhum dos ministros e auxiliares que procuraram por ele. Da mesma forma que um ocupante da Presidência, pela primeira vez, não obtém a reeleição, também é a primeira vez que um candidato derrotado não reconhece que perdeu a disputa. A expectativa é de que ele se pronuncie hoje sobre o pleito.

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Alexandre de Moraes, anunciou, ao confirmar o resultado do pleito, que ligou tanto para Lula quanto para Bolsonaro comunicando os percentuais de cada um. Mas não disse como cada candidato recebeu a notícia.

“Liguei pessoalmente para conversar com ambos os candidatos, Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro, dizendo que a Justiça Eleitoral já estava apta para proclamar o resultado. O presidente Bolsonaro me atendeu com extrema educação, assim como o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva”, salientou.

Apoiadores que estavam na Esplanada se dirigiram ao Palácio da Alvorada com vuvuzelas e fogos de artifício chamando pelo chefe do Executivo ao som de “Bolsonaro, cadê você, eu vim aqui só para te ver” e “A nossa bandeira jamais será vermelha” — também gritavam “Lula, ladrão, seu lugar é na prisão”. No entanto, os apelos dos apoiadores do presidente não foram atendidos e as luzes da residência oficial foram apagadas por volta das 22h.

Ao longo da tarde, o presidente recebeu visitas do ministro da Justiça, Anderson Torres, e do senador, o filho Flávio Bolsonaro (PL-RJ), um dos coordenadores da campanha. Mesmo aliados do governo, que tentaram visitar o presidente, como o ministro de

Bruna Prado/AFP



Mais cedo, no Rio, Bolsonaro estava confiante de um sucesso nas urnas. Foi até receptionar o time do Flamengo tricampeão da Taça Libertadores

Minas e Energia, Adolfo Sachsida, não foram recebidos. Depois de decretado o resultado, os filhos do presidente seguiram o exemplo do pai e não fizeram publicações nas redes sociais.

Desde a notícia da vitória de Lula, a imprensa seguiu à espera de um posicionamento de Bolsonaro e recorreu a assessores palacianos e a do próprio PL, que também se calou e ignorou questionamentos sobre uma eventual coletiva durante toda a noite.

Otimismo mais cedo

Ontem pela manhã, ao votar no Rio de Janeiro, Bolsonaro se disse otimista com o resultado das

eleições: “Expectativa de vitória”. Após a votação, recebeu jogadores do Flamengo no Aeroporto Internacional do Galeão, após a vitória na final da Libertadores contra o Atlético-PR, no Equador.

No sábado, Bolsonaro escolheu Belo Horizonte para sua última motocicleta antes das eleições. Mas também foi derrotado por Lula no estado, a exemplo do primeiro turno. Hoje, o presidente segue sem agenda oficial.

Na reta final do segundo turno, a campanha de Bolsonaro sofreu impactos diante de declarações sobre adolescentes venezuelanas refugiadas em Brasília, com o “pintou um clima”. O caso foi seguido dos ataques do presidente

de honra do PTB, Roberto Jefferson, à ministra do Supremo Tribunal Federal (STF) Cármen Lúcia, e ao ataque que fez contra policiais federais que foram levá-lo de volta ao regime fechado de prisão.

Outra notícia que integranta da campanha e do governo tentaram contra-atacar durante a semana foram as críticas à ideia do Ministério da Economia de deixar de corrigir o salário mínimo e a aposentadoria pela inflação passada. Pesou ainda o fracasso de colocar sobre as costas do TSE a culpa por inserções da campanha que não teria ido ao ar em rádios do Nordeste.

Após o último debate presidencial, na sexta-feira, o

presidente afirmou que respeitaria o resultado das eleições. Seguindo ele, levaria o pleito aquele candidato que conseguisse mais votos. “Quem tiver mais votos assume o governo. Não há a menor dúvida: quem tiver mais votos leva, isso que é democracia”, salientou.

Pelas redes sociais, o ministro da Casa Civil e coordenador da campanha do presidente, Ciro Nogueira, comentou brevemente o resultado das eleições. “Para sempre ao seu lado, capitão”, disse, com a publicação acompanhada de uma foto dos dois abraçados.

Já o ministro das Comunicações, Fábio Faria, agradeceu



Liguei pessoalmente para conversar com ambos os candidatos, Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro, dizendo que a Justiça Eleitoral já estava apta para proclamar o resultado. O presidente Bolsonaro me atendeu com extrema educação, assim como o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva”

Ministro Alexandre de Moraes, presidente do TSE

Bolsonaro por ter “resgatado o orgulho” do país de “ser brasileiro” — mesmo tendo afirmado, dias, antes que se arrependera de tentar jogar sobre o TSE a culpa pelas inserções de rádio que supostamente não foram ao ar.

Apesar do silêncio do presidente, ainda não se sabe se ele respeitará o resultado do sistema eleitoral ou se haverá a tentativa de judicialização das eleições. Isso porque, no dia seguinte ao episódio das inserções, ele anunciou que iria “até às últimas consequências”, além de ter afirmado, várias vezes, que apenas respeitaria um resultado de uma eleição que considerasse “limpa”.

Presidente é o 1º a não se reeleger desde 1997

Com a derrota para o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Jair Bolsonaro (PL) se torna o primeiro chefe do Poder Executivo a não conseguir se reeleger para mais um mandato, desde que a emenda que permite a recondução ao cargo foi aprovada, em 1997. O presidente fechou o segundo turno da corrida ao Palácio do Planalto com 49,10% dos votos válidos, contra 50,90% do petista.

De 1997 para cá, nenhum presidente ficou no poder por menos de oito anos. Neste período, foram reeleitos os presidentes Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), Lula (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016), foi afastada do cargo por um processo de impeachment. Seu mandato foi completado pelo então vice-presidente Michel Temer.

Natural de Glicério (SP), Bolsonaro tem 67 anos, completados em 21 de março. É descendente de imigrantes italianos, que chegaram ao Brasil depois da II Guerra Mundial. Filho de Percy Geraldo Bolsonaro e de Olinda Bonturi Bolsonaro, o presidente é casado com Michelle, com quem teve sua quinta filha, Laura. Antes de assumir a presidência, em 2018, construiu uma carreira como um modesto deputado federal, apesar de ter ficado na Câmara por 28 anos — de 1991 a 2018 — como integrante da bancada do Rio de Janeiro.

Alavancado pela onda anti-petista, que tomou corpo no período pré-impeachment de Dilma e por causa dos resultados apresentados pela Operação Lava-Jato, Bolsonaro, à época no PSL, foi eleito presidente com 57,7 milhões de votos (55,13% do eleitorado), batendo Fernando Haddad (PT),

Assim como Trump

Jair Bolsonaro segue um roteiro semelhante ao do seu principal referencial político, Donald Trump — a quem considera um amigo pessoal. Assim como o ex-presidente dos EUA, além de não ter conseguido a reeleição, o brasileiro todo o tempo desacreditou o processo eleitoral — atacou as urnas eletrônicas, defendeu o retorno do voto impresso, tentou desacreditar o Tribunal Superior Eleitoral e insistiu que as Forças Armadas seriam fiscalizadoras do pleito. Trump, quando percebeu que perderia para Joe Biden, disse que havia fraudes na contagem, forçou para que estados fraudassem os números e está respondendo a processo pela invasão do Capitólio pelos seus apoiadores.

que teve 47 milhões de votos (44,87%). O mote principal foi a promessa de combate à corrupção, tanto que levou para o Ministério da Justiça e Segurança Pública ninguém menos que o hoje senador eleito Sérgio Moro (União Brasil-PR), juiz da Lava-Jato.

Com pouco tempo de propaganda de rádio e tevê e sem recursos, Bolsonaro fez das redes sociais sua principal plataforma. Por elas, projetou suas ideias conservadoras, como a pauta antiaborto, contra a legalização da maconha, de combate ao que classifica de “ideologia de gênero” e a favor do armamento da população civil.

Ruy Baron/AFP



Ante à derrota inevitável, apoiadores em frente à casa de Bolsonaro, no Rio, fizeram preces para tentar mudar o resultado

Facada

Em Juiz de Fora (MG), a pouco menos de um mês das eleições de 2018, Bolsonaro foi vítima de um atentado à faca, cometido pelo ex-garçom Adelio Bispo de Oliveira, enquanto fazia uma caminhada pelo centro da cidade. O golpe perfurou-lhe o estômago e o futuro presidente ficou em estado crítico. Mas se recuperou, embora as sequelas do ataque tenham obrigado a ele, já ocupante do Palácio do Planalto, a fazer pelo menos três intervenções cirúrgicas.

De acordo com os analistas das eleições de 2018, o atentado — que Bolsonaro sempre atribuiu à esquerda, sem jamais ter

comprovado isso — o alavancou nas pesquisas eleitorais. Mas sua eleição pode ser atribuída, também, a um fenômeno até então inédito no Brasil: um bem armado e profissionalizado esquema de mentiras e desinformações disse minadas nas redes sociais.

Desde quando era parlamentar, o presidente coleciona um histórico de declarações e gestos polêmicos. Na sessão da Câmara que aprovou o impeachment de Dilma, disse que seu voto era em memória do coronel Brilhante Ustra, “terror de Dilma Rousseff”. O ex-oficial do Exército foi um dos mais brutais torturadores da ditadura militar, e listado no livro *Brasil Nunca Mais*.

Destempero

Bolsonaro também ficou conhecido por declarações machistas, à homofóbicas e racistas. Antes do episódio relacionado à ex-presidente, ele atacou a deputada Maria do Rosário (PT-RS) ao dizer que ela não merecia ser estuprada porque era “muito feia”. Já presidente, durante o pico da pandemia de covid-19 — que matou quase 690 mil brasileiros —, pregou contra a vacinação, disse que a doença era uma “gripezinha”, negou “ser coveteiro”, defendeu medicamentos sem eficácia comprovada e postergou a compra dos imunizantes.

Para atrair o eleitor mais vulnerável, Bolsonaro aumentou, nos

últimos meses, o valor do Auxílio Brasil, do vale-gás e criou subsídios para caminhoneiros e taxistas. Também baixou artificialmente os impostos sobre combustíveis para domar a inflação, mas não conseguiu reduzir a rejeição ao seu nome, acima de 50% do eleitorado.

Em 7 de Setembro de 2021, fez pesadas críticas ao Supremo Tribunal Federal (STF) e ao ministro Alexandre de Moraes, ameaçando não cumprir mais decisões da Corte máxima de Justiça do país. Na data cívica deste ano, já candidato à reeleição, puxou em plena Esplanada dos Ministérios o coro de “imbrotável” junto aos seus apoiadores.

Na reta final da campanha entre o primeiro e segundo turno das eleições deste ano, Bolsonaro não se afastou das polêmicas. Ele acusou o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de boicotar as inserções em rádios da sua campanha — algo que foi reconhecido pelo ministro das Comunicações, Fábio Faria, e pelo coordenador de comunicação do comitê da reeleição, Fábio Wajnagten, como uma obrigação do partido do presidente. Sem apoio, sobretudo do Centrão, Bolsonaro recuou nos ataques à Corte.

Na última sexta-feira, no debate na Rede Globo, Bolsonaro, mais do que os ataques a Lula, chamou a atenção por ter abandonado a entrevista pós-evento quando um repórter perguntou a ele porque insistia “na mentira” de atrelar a visita do petista, ao Complexo do Alemão, a um inexistente acordo com os traficantes locais. O presidente reagiu irritado, perguntou se o jornalista o chamava de “mentiroso” e deixou as conversas com a imprensa. **(IS com Ronayre Nunes, Francisco Artur e Fábio Grecchi)**